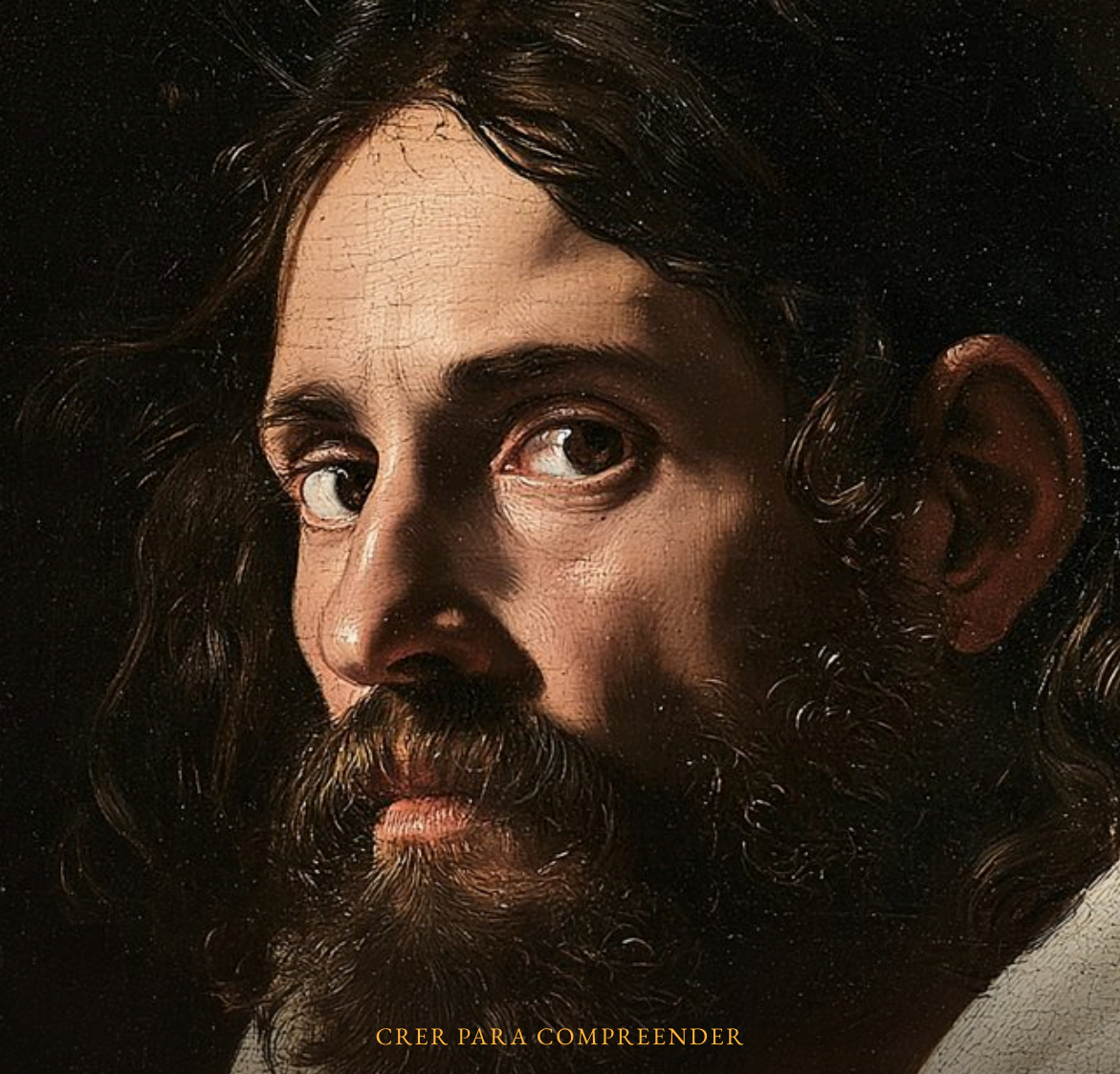


CRER PARA COMPREENDER

Levantou-se para ler

Jesus diante do rolo de Isaías em Nazaré, a sinagoga descrita por Fílon, por Josefo e por uma pedra de Jerusalém, e o costume de ler e explicar guardado por Justino, pelos reformadores e pelas igrejas de hoje

D. G. DE SOUZA

HAC-S01-004

VIII Uma palavra de exortação

IX A leitura, a exortação, o ensino

X No dia chamado do Sol

XI Onde não se prega a palavra

XII A mesa da Palavra

XIII Em todas as Escrituras

XIV O leitor de quem o livro falava

Capítulo I

Segundo o seu costume

Num sábado, na Galileia, um homem entrou na sinagoga da aldeia onde tinha sido criado. Lucas conta a cena com uma economia de gestos que quase dispensa comentário. Ele se levantou para ler. Entregaram-lhe o rolo do profeta Isaías. Ele o desenrolou e procurou o lugar. Leu. Enrolou o rolo, devolveu-o ao servidor e sentou-se. E os olhos de todos na sinagoga ficaram fixos nele.[1]



Jesus desenrola o livro na sinagoga de Nazaré (Lucas 4:16-17), na imaginação de um pintor do século XIX: os lampadários e a mobília são de Tissot, não do século I. James Tissot, 1886–1894, Brooklyn Museum (domínio público).

James Tissot, A Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, guache sobre grafite, 1886–1894, Brooklyn Museum, Nova York, 00.159.71 (domínio público)

E foi a Nazaré, onde tinha sido criado, e entrou, segundo o seu costume, no dia de sábado, na sinagoga, e levantou-se para ler. E foi-lhe entregue o rolo do profeta Isaías e, desenrolando o rolo, achou o lugar onde estava escrito:

LUCAS 4:16-17

Os verbos são de rolo, e não de livro: "desenrolando", *anaptýxas*, e, no fim da leitura, "enrolando", *ptýxas*, dois verbos que no Novo Testamento só aparecem aqui. O "livro" de Isaías era uma longa tira enrolada.[2]

"Segundo o seu costume." Nazaré não é a primeira sinagoga: pouco antes, Jesus "ensinava nas sinagogas deles, glorificado por todos" (Lucas 4:15), e diante do sumo sacerdote ele resumiria: "eu sempre ensinei na sinagoga e no Templo" (João 18:20). A expressão de Lucas, *katà tò eiōthós*, só aparece mais uma vez no Novo Testamento, e é sobre Paulo. Na sinagoga de Tessalônica, escreve Lucas, "segundo o costume de Paulo, entrou entre eles, e por três sábados discutiu com eles a partir das Escrituras" (Atos 17:2). A mesma fórmula serve ao Mestre e ao apóstolo.[3]

Como vimos no fascículo sobre o cetro de Judá, os escribas de Herodes sabiam onde estava escrito que o Cristo nasceria, mas foram os magos que foram a Belém. Agora o menino daquela história está adulto, de pé diante de um rolo, e é ele quem acha o lugar onde está escrito.[4]

A pergunta deste fascículo

Quem frequenta uma igreja reconhece a cena. Alguém lê a Escritura em voz alta diante de todos; depois, alguém explica o que foi lido e chama os ouvintes a vivê-lo. Na missa, é a liturgia da Palavra. Na Divina Liturgia ortodoxa, é o Evangelho levado em procissão, entre velas. Nas igrejas da Reforma, é o sermão no centro do culto. A pergunta é antiga: o culto cristão, com leitura da Bíblia, explicação e pregação, nasceu do padrão da sinagoga?

Responder bem pede três cuidados: separar o que as fontes do século I dizem da sinagoga daquilo que só foi escrito depois; olhar de perto o que Jesus leu e disse; e seguir as primeiras assembleias cristãs e as tradições que, cada uma pelos seus documentos, continuam lendo e explicando a Escritura. No fim, a pergunta terá mudado: não só de onde veio o costume, mas de quem fala o texto que se lê.

Sinagoga e casa de oração

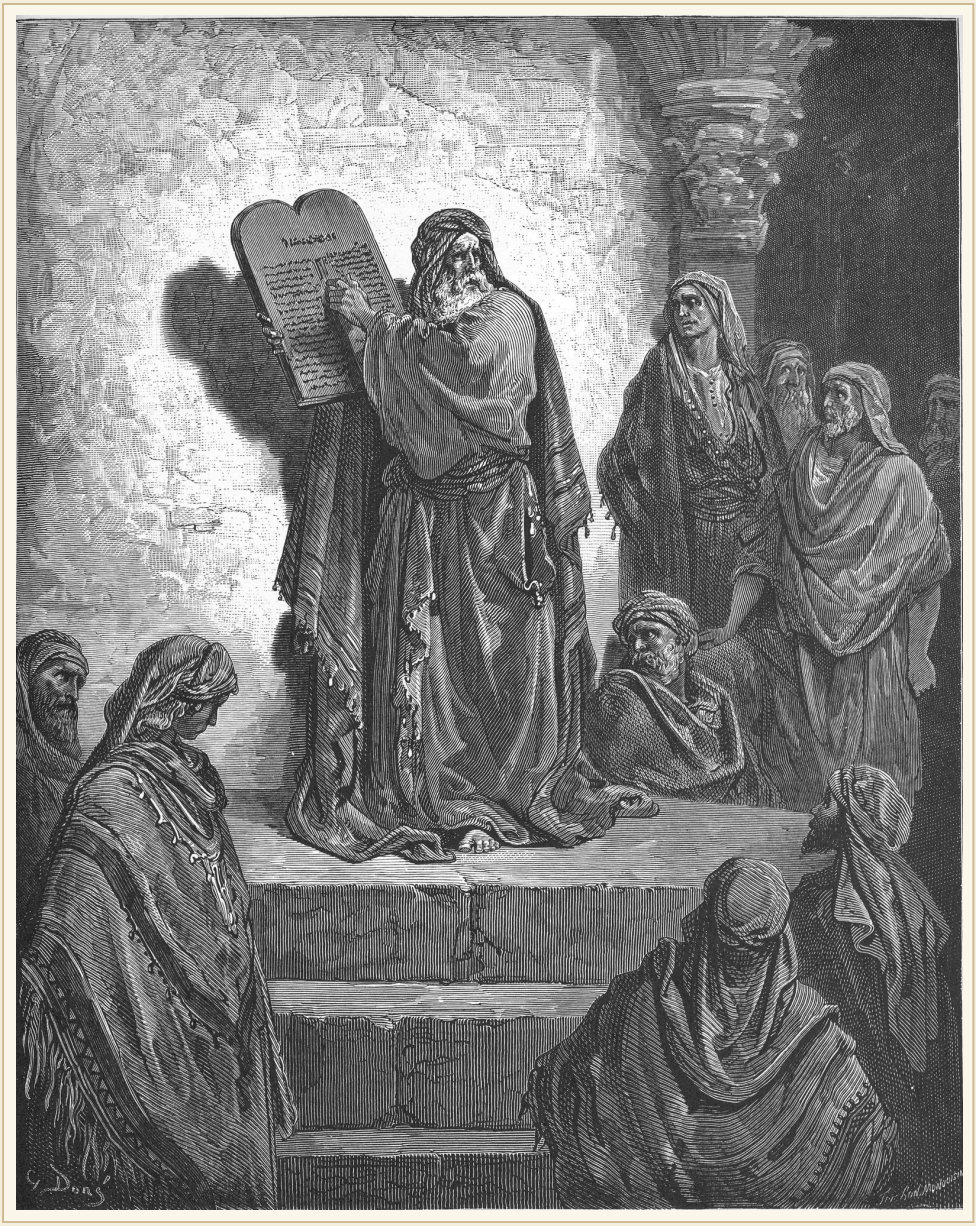
Em grego, synagōgḗ quer dizer "reunião" e passou a designar também o lugar onde o povo se reunia. O Novo Testamento usa ainda proseuchḗ, "casa de oração", e Josefo e Fílon usam os dois nomes. De onde e quando nasceu a sinagoga é pergunta para outro fascículo.[5]

1. Lucas 4:16–22, no grego do SBL Greek New Testament (SBLGNT). Todas as traduções deste fascículo são do autor.
2. Lucas 4:17 e 4:20. Westcott-Hort e Tregelles leem *anoíxas*, "abrindo"; NA28, SBLGNT e o texto bizantino leem *anaptýxas*.
3. Também Marcos 1:21 e 1:39; Mateus 4:23; Lucas 4:44 e 13:10.
4. Mateus 2:4–6; fascículo *O cetro de Judá* (HAC-S02-007).
5. Atos 6:9 e 16:13; Josefo, *Vida* 277; Fílon, *Vida de Moisés* 2.216.

Capítulo II

Aos ouvidos do povo

O gesto de ler em voz alta diante do povo é mais antigo que qualquer sinagoga. No Sinai, Moisés "tomou o livro da aliança e leu-o aos ouvidos do povo" (Êxodo 24:7). E a Lei manda repetir o gesto.



Esdras mostra o livro da Lei ao povo reunido, a cena de Neemias 8 que a Escritura dá como modelo de leitura em público. Gustave Doré, Bíblia de Tours, 1866 (domínio público).

Gustave Doré, gravura da Bíblia de Tours, 1866 (domínio público)

Ao fim de cada sete anos, [...] na festa das Tendas, quando todo Israel vier apresentar-se diante do Senhor teu Deus, [...] lerás esta Lei diante de todo Israel, aos ouvidos deles. Reúne o povo, os homens, as mulheres e as crianças, e o estrangeiro que está dentro das tuas portas, para que ouçam e para que aprendam.

DEUTERONÔMIO 31:10-12

É o único mandamento escrito de leitura pública da Lei, e o estrangeiro, que a Bíblia grega chama de *prosélytos*, está entre os ouvintes. No fascículo sobre a pedra do Templo, vimos o santuário marcar até onde o estrangeiro podia ir; na leitura da Lei, ele está entre os que ouvem.[1]

Deram o sentido

Séculos depois, na volta do exílio, o livro de Neemias descreve uma leitura que parece um roteiro do que veremos nas sinagogas: um estrado de madeira, o livro aberto "diante dos olhos de todo o povo", todos de pé, o "Amém, Amém" do povo, "os ouvidos de todo o povo" atentos ao livro, e levitas que "faziam o povo entender a Lei".

Neemias 8:8

וַיִּקְרְאוּ בַסֵּפֶר בְּתוֹרַת הָאֱלֹהִים מְפֹרָשׁ וְשׂוֹם שֶׂכֶל וַיָּבִינוּ בַּמִּקְרָא

"E leram no livro, na Lei de Deus, de modo claro, e deram o sentido, e entenderam a leitura."

Ler e dar o sentido: são os dois tempos que este fascículo vai seguir. O sentido exato de *meforásh*, "de modo claro", talvez "com explicação", é discutido. Na

Bíblia grega o povo entendeu "na leitura", *anágnōsis*, a palavra que vai reaparecer em Atos e em 1 Timóteo. A figura do próprio Esdras fica para um fascículo seu.[2]

Toda semana

Entre Deuteronômio e Nazaré, o "a cada sete anos" virou "todo sábado". Josefo, por volta de 95 a 100, no *Contra Ápion*, que já ouvimos no fascículo sobre a pedra do Templo, atribui o costume ao próprio Moisés: o legislador mandou que, "a cada semana, deixando os outros trabalhos, se reunissem para ouvir a Lei e aprendê-la com exatidão". A Torá não manda ler toda semana: é apologética, escrita para leitores gregos. Mas o costume era real e antigo. Por volta de 14 a.C., Nicolau de Damasco, defendendo os judeus da Jônia diante do romano Marco Agripa, disse: "o sétimo dos dias nós o dedicamos ao aprendizado dos nossos costumes e da Lei". Um decreto de Augusto, que Josefo transcreve, punia como sacrílego quem roubasse "os livros sagrados deles" de um *sabbateîon*, uma "casa do sábado". O lugar ainda não tinha nome fixo, mas já guardava livros sagrados.[3]



Pois Moisés, desde gerações antigas, tem em cada cidade quem o pregue, sendo lido nas sinagogas todo sábado.

ATOS 15:21

Tiago, no concílio de Jerusalém, junta as duas coisas: Moisés é lido, e Moisés tem quem o pregue.[4]

---

1. Êxodo 24:7 e Deuteronômio 31:10–12, no hebraico (WLC) e na Septuaginta de Rahlfs (*eis tà ôta autôn*, "aos ouvidos deles"); fascículo *Nenhum estrangeiro entre* (HAC-S01-003).

2. Neemias 8:3–8; na Septuaginta, 2 Esdras 18:3–8. O Talmude Babilônico (*Megillah* 3a) lê *meforásh* como tradução aramaica, leitura muito posterior.

3. Josefo, *Contra Ápion* 2.175–178, no grego da edição de B. Niese; *Antiguidades judaicas* 16.27–29, 16.43 e 16.164. Em português: *História dos Hebreus* (CPAD).

4. Atos 15:21; 2 Coríntios 3:14–15 ("quando Moisés é lido").

Capítulo III

Um lê, outro explica

Quem melhor descreve a reunião de sábado no tempo de Jesus é um judeu de Alexandria, no Egito. Fílon (c. 20 a.C.–c. 50 d.C.) escrevia em grego e voltou ao assunto em pelo menos cinco obras. Na *Hipotética*, que sobrevive em trechos copiados por Eusébio, ele diz que Moisés "determinou que se reunissem no mesmo lugar e, sentados uns com os outros, com respeito e ordem, ouvissem as leis, para que ninguém as ignorasse". E diz quem conduzia a reunião.

> *"Um dos sacerdotes que estiver presente, ou um dos anciãos, lê para eles as leis sagradas e as explica uma a uma até quase o fim da tarde."*
>
> Fílon, *Hipotética*, em Eusébio, *Preparação evangélica* 8.7.13

A maioria ficava "em silêncio, exceto quando é costume acrescentar algum sinal de aprovação ao que se lê". E quem lia podia ser sacerdote ou ancião: não era preciso ser sacerdote para ler e explicar a Lei.[1]

Em outras obras, Fílon chama essas reuniões de "escolas". Nos sétimos dias, escreve, "abrem-se em cada cidade milhares de escolas", nas quais uns "se sentam em ordem, em silêncio, de ouvidos atentos", e "um dos mais experientes,

levantando-se, ensina o que é melhor e proveitoso". As casas de oração, pergunta ele, "que outra coisa são senão escolas de prudência, coragem, temperança, justiça, piedade, santidade e de toda virtude?". Na *Embaixada a Caio*, que citamos no fascículo sobre a pedra do Templo, diz o mesmo das casas de oração de Roma.[2]

A descrição mais parecida com Nazaré

A passagem mais próxima de Lucas 4 está num tratado de Fílon sobre a liberdade, o mesmo que, no fascículo sobre fariseus e saduceus, nos deu os "mais de quatro mil" essênios. Ali ele descreve o sábado desse grupo.

Fílon, *Todo homem bom é livre* 81–82

εἰς ἱεροὺς ἀφικνούμενοι τόπους, οἳ καλοῦνται συναγωγαί, καθ' ἡλικίας ἐν τάξεσιν ὑπὸ πρεσβυτέροις νέοι καθέζονται … εἶθ' εἷς μέν τις τὰς βίβλους ἀναγινώσκει λαβών, ἕτερος δὲ τῶν ἐμπειροτάτων ὅσα μὴ γνώριμα παρελθὼν ἀναδιδάσκει

"Indo a lugares sagrados que se chamam sinagogas, sentam-se por idade, em fileiras, os jovens abaixo dos mais velhos [...]; então um toma os livros e lê, e outro, dos mais experientes, adiantando-se, ensina o que não se entende."

"Escola" e "filosofia" são vocabulário grego, escolhido para leitores gregos, e o retrato é idealizado. Mas os detalhes concordam com Lucas e com Atos: uma reunião semanal, gente sentada, livros, leitura e explicação por alguém competente. Um lê, outro explica. Essa divisão de papéis vai voltar, mais de um século depois, na descrição que Justino faz do domingo cristão. Em Nazaré, Lucas mostra um homem só fazendo as duas coisas.[3]

1. Fílon, *Hipotética*, conservada em Eusébio, *Preparação evangélica* 8.7.12–13, no grego da edição de L. Dindorf (Teubner, 1867).
2. Fílon, *Leis especiais* 2.62 (ed. Cohn-Wendland); *Vida de Moisés* 2.216 (ed. Cohn); *Embaixada a Caio* 156 e 312 (ed. Cohn-Reiter); fascículo *Nenhum estrangeiro entre* (HAC-S01-003).
3. Fílon, *Todo homem bom é livre* 75 e 81–82 (ed. Cohn-Reiter); fascículo *Um judaísmo ou vários?* (HAC-S01-002).

Capítulo IV

Para a leitura da Lei

Entre 1913 e 1914, o arqueólogo Raymond Weill escavava o Ofel, a encosta ao sul do monte do Templo chamada Cidade de Davi. Numa cisterna cheia de entulho, apareceu um bloco de calcário de 41 por 75 centímetros, com dez linhas em grego. No fascículo sobre a pedra do Templo, essa inscrição mostrou a sinagoga voltada para o Templo. Aqui ela volta com outra pergunta: para que servia uma sinagoga?[1]

Inscrição de Teódoto, Jerusalém

Θ[ε]όδοτος Οὐεττήνου, ἱερεὺς καὶ ἀ[ρ]χισυνάγωγος, υἱὸς ἀρχισυν[αγώ]γ[ο]υ, υἱωνὸς ἀρχισυν[α]γώγου, ᾠκοδόμησε τὴν συναγωγὴν εἰς ἀν[άγν]ωσ[ιν] νόμου καὶ εἰς [δ]ιδαχ[ὴ]ν ἐντολῶν, καὶ τ[ὸ]ν ξενῶνα ...

"Teódoto, filho de Vetteno, sacerdote e chefe de sinagoga, filho de chefe de sinagoga, neto de chefe de sinagoga, construiu a sinagoga para a leitura da Lei e para o ensino dos mandamentos, e a hospedaria, os quartos e as instalações de água, como pousada para os que precisam, vindos do estrangeiro."

Os colchetes marcam letras perdidas e completadas pelos editores; as que importam aqui são restaurações seguras pelo contexto. E a pedra diz, com todas as letras, a finalidade do prédio: "para a leitura da Lei e para o ensino dos mandamentos". É a mesma dupla de Neemias, de Fílon, de Lucas 4 e de Atos 13: ler e explicar. A pedra não fala de oração nem de sacrifício. O sacrifício estava a poucos passos dali, no Templo.

Teódoto era sacerdote, e a família dele dirigia a sinagoga havia três gerações. Como na *Hipotética* de Fílon, um sacerdote podia presidir a reunião de leitura. O título, *archisynágōgos*, "chefe da sinagoga", é o do Novo Testamento: Jairo era "um dos chefes da sinagoga", e em Antioquia da Pisídia "os chefes da sinagoga", no plural, convidarão Paulo a falar. A hospedaria era para os peregrinos da diáspora, e a inscrição está em grego, a língua deles.[2]

Em números

3 gerações *de chefes de sinagoga na família de Teódoto: ele, o pai e o avô, segundo a própria pedra*

A data é discutida. A maioria dos estudiosos põe a inscrição antes do ano 70, pelo estilo das letras e pelo lugar, já que o Ofel foi abandonado depois da destruição. Howard Clark Kee sustentou que a sinagoga como prédio só surgiu depois de 70 e datou a pedra bem mais tarde; J. S. Kloppenborg respondeu defendendo a data antiga. O honesto é dizer que a maioria a data de antes de 70, e não que isso está provado.[3]

As leis agarradas

Em Cesareia, no ano 66, num sábado, "estando os judeus reunidos na sinagoga", um agitador pôs um vaso de barro virado junto à entrada e sacrificou aves sobre ele. Houve briga, e "os judeus, agarrando as leis, retiraram-se para Narbata". As

"leis" eram os rolos: ao fugir, o que eles salvaram foi a Escritura. Em Tiberíades, durante a mesma guerra, Josefo fala de uma *proseuché*, "edifício enorme, capaz de receber grande multidão", onde, num dia de jejum, "nos voltávamos para as orações".[4]

E a oração?

Fílon e Josefo quase nada dizem de orações fixas, e por isso Heather McKay sustentou que a reunião de sábado no século I era de estudo, e não de culto com orações. A tese, na forma forte, esbarra no próprio nome "casa de oração", nos hipócritas que "gostam de orar de pé nas sinagogas" (Mateus 6:5) e nas orações de Tiberíades. O mais seguro é dizer que o centro da reunião de sábado era ler e explicar a Lei; havia também oração, mas não sabemos com que palavras.[5]

---

1. *Inscriptions of Israel/Palestine* (IIP), Jeru 0591 (CIJ II 1404), conferida com a transcrição de J. S. Kloppenborg em AGRW 270; Museu Rockefeller, Jerusalém, IAA S-842. Fascículo *Nenhum estrangeiro entre* (HAC-S01-003).
2. Marcos 5:22; Lucas 13:14; Atos 13:15. O verbo "construiu a sinagoga" é o mesmo de Lucas 7:5, dito do centurião de Cafarnaum. O nome Vetteno é latino, e há quem suponha uma família de libertos, ligada à "sinagoga dos Libertos" de Atos 6:9; é só hipótese.
3. H. C. Kee, *New Testament Studies* 36 (1990), pp. 1–24, e 41 (1995), pp. 481–500; J. S. Kloppenborg (Verbin), "Dating Theodotos (CIJ II 1404)", *Journal of Jewish Studies* 51 (2000), pp. 243–280; posições conferidas em resumos.
4. Josefo, *Guerra judaica* 2.285–292; *Vida* 277 e 295. Em Dora, sob Cláudio, jovens puseram uma estátua de César na sinagoga (*Antiguidades* 19.300).
5. H. McKay, *Sabbath and Synagogue: The Question of Sabbath Worship in Ancient Judaism* (Brill, 1994); Atos 16:13.

Capítulo V

O que a Mishná não pode contar

É grande a tentação de completar o que falta com fontes posteriores. Por volta do ano 200, os rabinos puseram por escrito a Mishná, num judaísmo que vivia sem Templo havia mais de um século. O tratado *Megillah* tem regras detalhadas: no sábado de manhã leem sete, e "conclui-se com o Profeta"; não se lê na Torá com menos de dez presentes. E há uma regra que parece feita para Nazaré.



Ruínas da sinagoga de calcário branco de Cafarnaum, do fim do século IV ou do V: não é o prédio que Jesus conheceu, embora possa estar sobre ele. Coleção Matson, Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, entre 1898 e 1946 (domínio público).

crer para compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO HAC-S01-004

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *Levantou-se para ler*. O fascículo inteiro tem 50 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender